

## ENSINO DE GÊNEROS TEXTUAIS: CONTRAPONTO TEÓRICOS E PROPOSTAS DIDÁTICAS

Leonor Werneck dos Santos – UFRJ

### Introdução

Desde o final da década de 90, com a divulgação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), tem recebido destaque o trabalho com gêneros textuais variados, nas aulas de língua portuguesa. Porém, o ensino de leitura e produção textual, embora mobilize professores dos mais diversos níveis, numa perspectiva interdisciplinar, ainda não conseguiu incorporar totalmente as teorias de texto e discurso que orientam as propostas dos PCN. Dessa forma, os livros didáticos nem sempre conseguem aplicar coerentemente os conceitos de tipologia e gênero textual, embora diversas pesquisas baseadas no que preconizam os Parâmetros defendam a abordagem de uma pluralidade de textos, considerando o papel social dos gêneros.

Como consequência, na escola há dificuldade para organizar o conteúdo programático incluindo uma abordagem produtiva com gêneros textuais, que demonstre que os produzimos em situações reais de interação. Muitas vezes o problema acontece porque o professor não conhece teorias como Linguística Textual e Análise do Discurso, que se apropriam das idéias de Bakhtin (1929) sobre os gêneros e embasaram os PCN. Além disso, é comum o professor considerar o livro didático, em especial o Manual do Professor, como referencial teórico, mas nem sempre os autores desses manuais deixam claros os objetivos do trabalho com gêneros ou definem corretamente os conceitos básicos.

Diante de tantos impasses no ensino de leitura e produção textual, este artigo pretende apresentar resultados parciais de uma pesquisa<sup>1</sup>, iniciada em 2006, que tem como objetivo principal analisar de que maneira os livros didáticos publicados a partir de 2004 estão aplicando conceitos referentes à Linguística Textual. Na atual etapa da pesquisa, referente à abordagem dos Gêneros Textuais (GT), tenciona-se fazer um levantamento da abordagem da interface tipologia/gêneros textuais nos livros didáticos de ensino fundamental e médio de língua portuguesa aprovados pelos Programas de avaliação do MEC (PNLD e PNLEM, respectivamente). Além disso, pretende-se também elencar alguns equívocos teóricos dos conceitos presentes nos manuais didáticos.

Os LDP citados neste artigo são uma amostra do *corpus*, composta de livros didáticos de português (LDP) de ensino médio, publicados após 2004 e aprovados pelo PNLEM 2009<sup>2</sup>. Para efeito de comparação, também serão citados alguns manuais de leitura e redação de ensino médio. Destaque-se que, na análise feita, não houve a intenção de avaliar a qualidade desses materiais didáticos, mas apenas a abordagem a respeito dos gêneros textuais.

### 1. Perspectivas Teóricas dos Estudos sobre GT: A Abordagem nos LDP

---

<sup>1</sup> Abordagem textual no ensino de língua portuguesa: problemas e perspectivas (UFRJ)

<sup>2</sup> Originalmente, em 2005, foi feita a avaliação dos LDP de ensino médio publicados até 2004 e inscritos neste Programa de avaliação; entretanto, as resenhas das 11 coleções aprovadas só foram divulgadas em 2008, na publicação intitulada *Catálogo do PNLEM 2009*.

Os pressupostos que norteiam o embasamento teórico sobre gêneros e tipologias encontram-se em obras de autores com abordagens diferentes e apoiadas em linhas de pesquisa por vezes divergentes. Apenas para citar alguns, em Marcuschi (2002), Koch (2002), Dolz & Schneuwly (2004), Meurer *et al.* (2005), Koch & Elias (2006), Karwoski *et al.* (2006), Travaglia (2007a, 2007b), percebemos que se discutem detalhes referentes à nomenclatura e aplicação da teoria, sempre partindo das definições de GT de Bakhtin. Uma das questões frequentemente discutidas pelos pesquisadores é a pertinência de usar o termo “gênero textual” ou “gênero discursivo”. Artigos como o de Rojo (In: Meurer *et al.*, 2005) apresentam as diferenças inseridas na escolha por uma ou outra nomenclatura. Da mesma forma, Bonini (2001: 7) já alertava que “o surgimento da noção de gênero nos termos em que está posta atualmente (...) é extremamente recente, havendo ainda muito a ser clareado por meio de pesquisas e discussões”.

Nesta pesquisa com LDP, não pretendemos discutir detalhes referentes a terminologias, mas, ao analisar as coleções de ensino médio aprovadas pelo programa de avaliação do MEC (PNLEM), é possível perceber que esse debate sobre a nomenclatura se reflete na inconstância dos autores dos LDP na hora de conceituar GT ou classificar os textos.

Em diversos textos, como Dolz & Schneuwly (2004), Marcuschi (2002), Dionísio *et al.* (2002) destaca-se a tradição escolar no que se refere à pluralidade de gêneros, visando à formação de leitores e produtores de textos, ainda que em LDP mais antigos predominassem textos do domínio discursivo literário. Entretanto, mesmo quando há pluralidade de textos, de domínios discursivos diversos, nem sempre a abordagem dos gêneros se caracteriza por uma sistematização coerente e uma reflexão sobre os papéis dos interlocutores, os objetivos do texto e as estratégias necessárias para lê-lo/produzi-lo. Além disso, as concepções teóricas utilizadas como fundamento para a abordagem dos GT nem sempre são apresentadas de maneira coerente nos LDP, principalmente se compararmos o material destinado ao aluno e os fundamentos teórico-metodológicos presentes no Manual do professor.

Segundo Bunzen (2007: 9), é importante observar, nos LDP, como os “gêneros foram selecionados/tratados e quais domínios discursivos são priorizados neste percurso”. O que se percebe, muitas vezes, conforme alerta o autor, é a ênfase em um ou outro domínio discursivo, como o jornalístico e o literário, sem que a análise dos textos e as propostas de “redação” leve em consideração as características intrínsecas aos GT em questão. Em sua pesquisa sobre o ensino de produção textual em LDP de ensino médio, Bonini (1998) já alertava para alguns desses problemas: no *corpus* da sua pesquisa, composto de livros da década de 90 – portanto, anteriores ao PNLEM –, geralmente há referência à tipologia que precisa ser elaborada pelo aluno (narração, por exemplo), mas não ao GT. Com isso, a produção dos textos fica artificial, uma vez que, sem considerar o GT, também fica difícil o que será o texto, para quem ele se destina etc.

Esse problema permanece, mesmo em livros mais recentes. O quadro 1 ilustra de que maneira alguns LDP de ensino médio, publicados após 2004 e aprovados pelo PNLEM, tratam os GT e as tipologias textuais. Nele, percebe-se como os manuais oscilam entre terminologias distintas (tipologia, sequência e gênero, por exemplo) e, quando optam por uma nomenclatura, não necessariamente a aplicam com coerência. Além disso, há casos em que tipologia e gênero são tomados indistintamente, seguidos de exemplos que não só misturam esses dois conceitos, como também acrescentam outro: o de modalidade oral / escrita.

Livro	Abordagem de tipologia textual (TT)	Abordagem de gênero textual (GT)
Takasaki (2005)	“sequências discursivas” (cap. 3): Narração, Descrição, Argumentação, Explicativos (expositivos), Conversacionais → algumas atividades retomam a questão da TT	Explicitamente no capítulo 3 (Gêneros textuais / gêneros do discurso); algumas atividades retomam a questão dos gêneros
Cereja & Magalhães (2005b, 3 v.)	As TT aparecem mescladas aos capítulos em que são trabalhados os diversos GT, em todos os volumes	Definição no v. 1; aplicação em quase todos os capítulos de produção de texto, em todos os volumes
Murrie <i>et al.</i> (2004)	“Tipo ou gênero textual” (p. 161): GT = narração, dissertação, falados, escritos, cartas,...	----
Faraco (2003)	“tipos de textos” é a expressão utilizada para se referir ora a TT ora a GT	----

Quadro 1 - Tipologia e gênero textual em alguns materiais didáticos – Ensino Médio (língua/literatura/redação)

Era de se esperar que, após as avaliações do MEC (PNLEM), os LDP tivessem revisto sua postura em relação aos GT. Afinal, um dos tópicos analisados nessas avaliações é exatamente a abordagem de gêneros, defendida pelos parâmetros Curriculares Nacionais de ensino fundamental e médio. Entretanto, ainda que alguns livros tenham melhorado o tratamento dado aos GT e elaborado atividades mais produtivas, ainda impera certa confusão ou imprecisão de conceitos. Como ilustração, observemos Faraco (2003:382), que apresenta GT diversos e algumas atividades que de fato pretendem contextualizá-los, mas não usa a terminologia GT, apenas “tipo de texto”:

Vamos, agora, dar atenção a um outro tipo de texto bastante frequente: o **texto de opinião**. (...) Num jornal, vamos encontrar vários tipos diferentes de textos de opinião. Um deles é o **editorial**. [grifos do autor].

O mesmo autor, ao propor uma produção textual, pergunta com que “tipo de texto” o aluno se expressa melhor e sugere que a resposta pode ser crônica, letras para músicas, argumentar ou narrar (cf. p. 379); ou seja, coloca-se GT e TT lado a lado, indistintamente. Mesmo que consideremos desnecessário sobrecarregar o aluno com definições e novas nomenclaturas, deve haver cuidado ao apresentar no LDP termos já consagrados.

Se compararmos o resultado do perfil dos LDP com o dos livros específicos de leitura e redação, igualmente voltados para o ensino médio, percebemos que os problemas se repetem. No quadro 2, constatamos que, tal qual observara Bonini (1998) com os LDP da década de 90, os manuais de redação atuais ainda estão centrados na classificação tradicional das tipologias textuais (narração, descrição, dissertação), comumente presentes nos concursos vestibulares.

Aparecem, entretanto, equívocos como em Granatic (1996: 215)<sup>3</sup>, que apresenta a “Argumentação crítica” como “recurso de criatividade” do texto expositivo. Por outro lado, Cereja & Magalhães (2005a) ensaiam uma aplicação das propostas de Dolz & Schneuwly (2004), referentes às sequências didáticas.

<b>Livro</b>	<b>Abordagem de tipologia textual (TT)</b>	<b>Abordagem de gênero textual (GT)</b>
Infante (1999) Ed. Scipione	Narração, Descrição, Dissertação Argumentativa	-----
Granatic (1995) Ed. Scipione	Narração, Descrição, Dissertação Argumentativa	-----
Granatic (1996) Ed. Scipione	Narração, Descrição, Dissertação Expositiva, Argumentação	-----
Abreu (2004) Ed. Ática	Narração, Descrição, Argumentação, Injunção (ênfase em Narração e Argumentação; Injunção só aparece em breve comentário)	Teoria (2 páginas)
Platão & Fiorin (2006) – Ed. Ática	Narração, Descrição, Dissertação, Argumentação	-----
Cereja & Magalhães (2005a) – Ed. Atual	Abordagem “em espiral” (p. 3 do Manual do Professor), em todos os capítulos, conforme a especificidade do gênero trabalhado. Mas apresenta, por ex., “gênero narrativo” (p. 49), “texto argumentativo oral (...) um tipo de texto...” (p. 110)	Todos os capítulos: teoria e análise, mesclados aos domínios discursivos

Quadro 2 - Tipologia e gênero textual em alguns materiais didáticos – Ensino Médio (leitura/redação)

Se, por um lado, os LDP e manuais de redação parecem preferir a nomenclatura tradicional das TT, com a justificativa de preparar os alunos para vestibulares e ENEM, esses exames estão mudando, e é comum atualmente a presença de enunciados nas provas de língua portuguesa e redação, por exemplo, exigindo do candidato conhecimento das situações de interação que constituem os gêneros e das tipologias predominantes num GT específico, como se observa a seguir:

<sup>3</sup> Três dos livros citados no Quadro 2, apesar de terem passado por reimpressões, mantêm o conteúdo das edições da década de 90.

**(ENEM 2004):** O Jivaro – Rubem Braga

Um Sr. Matter, que fez uma viagem de exploração à América do Sul, conta a um jornal sua conversa com um índio jivaro, desses que sabem reduzir a cabeça de um morto até ela ficar bem pequenina. Queria assistir a uma dessas operações, e o índio lhe disse que exatamente ele tinha contas a acertar com um inimigo.

O Sr. Matter:

- Não, não! Um homem, não. Faça isso com a cabeça de um macaco.

E o índio:

- Por que um macaco? Ele não me fez nenhum mal!

→ O assunto de uma crônica pode ser uma experiência pessoal do cronista, uma informação obtida por ele ou um caso imaginário. O modo de apresentar o assunto também varia: pode ser uma descrição objetiva, uma exposição argumentativa ou uma narrativa sugestiva. Quanto à finalidade pretendida, pode-se promover uma reflexão, definir um sentimento ou tão-somente provocar o riso. Na crônica *O jivaro*, escrita a partir da reportagem de um jornal, Rubem Braga se vale dos seguintes elementos:

Assunto	Modo de representar	Finalidade
(a) caso imaginário	descrição objetiva	provocar o riso
(b) informação colhida	narrativa sugestiva	promover reflexão
(c) informação colhida	descrição objetiva	definir um sentimento
(d) experiência pessoal	narrativa sugestiva	provocar o riso
(e) experiência pessoal	exposição argumentativa	promover reflexão

**(UFF/2007)** - Proposta de redação

→ Redija um **texto de caráter predominante descritivo**, uma espécie de depoimento sobre o bairro em que você vive, ressaltando seus pontos positivos e negativos.

**(UNI-RIO 2007/1ª etapa)** - Proposta de redação

Agora você é o REDATOR!

Você foi convidado para escrever o texto de abertura da revista Domingo.

Considerando os fragmentos, redija um texto argumentativo, apresentando seu ponto de vista – ou a favor ou contrário – sobre as consequências das inovações tecnológicas na/para a nova geração.

## 2. Algumas Conclusões

Os resultados preliminares desta pesquisa com ênfase na interface tipologia/gêneros textuais acenam para a necessidade de repensar a abordagem desse tema no ensino, uma vez que os livros didáticos ignoram, confundem ou abordam de maneira superficial as teorias que se baseiam em Bakhtin e que consideram os gêneros como práticas sociais. Em alguns livros,

quando há a expressão “gêneros textuais”, ela aparece como mais um tópico teórico a ser explicado e estudado, não como pressuposto teórico para análise textual. As tipologias textuais também são apresentadas de maneira estanque, desconsiderando que cada gênero se organiza mesclando tipologias, ainda que uma possa predominar; além disso, geralmente esse tema é abordado nos capítulos de redação (principalmente no ensino médio), e as atividades de leitura do livro ignoram a organização e a intencionalidade dos textos. Alguns livros misturam os conceitos de tipologia e gênero, classificando textos como “gênero narrativo” (sic), ou considerando argumentação como “recurso criativo” (sic) e não tipologia.

“Estamos criando uma nova camisa de força. Sai a gramática tradicional e entra o gênero textual.” – é o que alerta Coscarelli (2007). Na mesma linha, concordamos com Bunzen (2007: 22), que constata que

a recepção da *Teoria dos Gêneros*, seja ela de base mais textual ou discursiva, ainda precisa ser mais estudada e detalhada nos trabalhos acadêmicos voltados para o ensino de língua materna. Precisamos saber o que estamos fazendo ao receber e didatizar esses conhecimentos, uma vez que um trabalho **com gêneros** (e não **sobre gêneros**) deveria estar fundamentado em uma concepção de língua menos formal ou normativa.

Na amostra de livros didáticos de ensino médio por nós analisados, pudemos observar que:

- não há coerência na nomenclatura utilizada: Tipologia Textual / Sequência Textual; Gênero Textual / Gênero do Discurso;
- não há coerência na listagem das TT: narração e descrição aparecem em todos; injunção raramente é citada; dissertação é apresentada ora como exclusivamente expositiva ora como expositiva ou argumentativa, e às vezes sequer aparece; argumentação nem sempre é definida como tipologia à parte;
- geralmente, os GT não aparecem como tópico do programa (teórico); na maioria das vezes, aparece apenas no Manual do professor como uma diretriz presente no LDP para escolha dos textos;
- as atividades de leitura e produção textual geralmente desconsideram a concepção de GT; com frequência aparece a preocupação de elaborar (não de analisar) TT nas propostas de redação;
- as poucas atividades de leitura que tentam abordar GT e TT não costumam interagir com os conteúdos de língua e literatura.

Percebe-se, portanto, que é necessário discutir de que maneira é possível incluir tipologia e gênero textual na elaboração de conteúdo programático e material didático. São poucos os livros que, de fato, abordam a produção de sentidos dos textos, com base nos gêneros. Além disso, não parece ter sido feita ainda uma sistematização da nomenclatura (tipologia, sequência, gêneros textuais, gêneros do discurso...) e falta pensar numa metodologia de ensino que abarque esses conceitos sem considerá-los tópicos do conteúdo programático. Assim, muitos livros didáticos refletem essa ausência de sistematização em propostas de leitura e produção textual que mascaram o tratamento dos gêneros textuais, e a abordagem de gêneros textuais diversificados, que tanto colabora na formação do leitor e produtor de textos, tem ficado prejudicada.

## Referências

- BONINI, A. O ensino de tipologia textual em manuais didáticos de 2º grau para a língua portuguesa. *Trabalhos de Linguística Aplicada*. Campinas, (31): 7-20, jan./jun., 1998.
- \_\_\_\_\_. Ensino de gêneros textuais: a questão das escolhas teórica e metodológicas. *Trabalhos de Linguística Aplicada*. Campinas, (37): 7-23, jan./jun., 2001.
- BUNZEN, Clécio. Um olhar sobre os gêneros interpessoais nos manuais escolares de ensino médio. *Letras & Letras*, Uberlândia, 23 (1) 7-25, jan./jun., 2007.
- COSCARELLI, Carla Viana. Gêneros textuais na escola. *Veredas on line / ensino*. 2/2007, p. 78-86.
- DIONÍSIO, A. et al. (Orgs.). *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.
- DOLZ, J. & SCHNEUWLY, B. *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas: Mercado de Letras, 2004.
- KARWOSKI, Acir et al. (org.). *Gêneros textuais: reflexões e ensino*. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.
- KOCH, Ingedore. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2002.
- \_\_\_\_\_. & ELIAS, Vanda. *Ler e compreender: os sentidos do texto*. São Paulo: Contexto, 2006.
- MARCUSCHI, Luiz A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. et al. *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.
- MEURER, J.L.; BONINI, A. & MOTTA-ROTH, D.(org.). *Gêneros: teorias, métodos, debates*. São Paulo: Parábola, 2005.
- TRAVAGLIA, Luiz Carlos. Tipeamentos e a construção de uma teoria tipológica geral de textos. In: FÁVERO, L. L.; BASTOS, N. M. O. B.; MARQUESI, S. C. (Org.). *Língua Portuguesa pesquisa e ensino*. São Paulo: EDUC, 2007a. v.2, p.97-117.
- \_\_\_\_\_. A caracterização de categorias de texto: tipos, gêneros e espécies. *Alfa*, São Paulo, 51 (1): 39-79, 2007b.

## Manuais didáticos:

- ABREU, Antonio S. *Curso de redação*. 12. ed. São Paulo: Ática, 2004.
- CEREJA & MAGALHÃES. *Texto e interação*. 2. ed. São Paulo: Atual, 2005a.
- \_\_\_\_\_. *Português: linguagens*. 3 v. 5. ed. São Paulo: Atual, 2005b.
- Faraco, Carlos A. *Português: língua e cultura*. Curitiba: Ed. Base, 2003.
- GRANATIC, Branca. *Técnicas básicas de Redação*. São Paulo: Scipione, 1995.
- \_\_\_\_\_. *Redação, humor e criatividade*. São Paulo: Scipione, 1996.
- INFANTE, Ulisses. *Do texto ao texto: curso prático de leitura e redação*. 5. ed. São Paulo: Scipione, 1999.
- MURRIE, et al. *Língua Portuguesa – Projeto Escola e cidadania para todos*. 2. ed. São Paulo: Ed. do Brasil, 2005.
- PLATÃO & FIORIN . *Lições de texto*. 5. ed. São Paulo: Ática, 2006.
- SANTOS, Leonor W. dos et al. *Apostila de redação do CPV-UFRJ*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008. [mimeo]
- TAKASAKI, H. *Língua Portuguesa*. 2. ed. São Paulo: IBEP, 2005.